



Contra todas
AS
probabilidades
DO
AMOR

REBEKAH CRANE

REBEKAH CRANE

Contra todas
AS
probabilidades
DO
AMOR

Tradução:
Fábio Alberti

 FARO
EDITORIAL

COPYRIGHT © 2016, BY REBEKAH CRANE. AGREEMENT MADE IN COLLABORATION BETWEEN AMAZON PUBLISHING AND SANDRA BRUNA AGENCIA LITERARIA.

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2019

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **LUIZA DEL MONACO**

Revisão **GABRIELA DE AVILA**

Capa **ADIL DARA**

Diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Crane, Rebekah

Contra todas as probabilidades do amor /

Rebekah Crane ; tradução Fábio Alberti. – 1. ed. – Barueri,

SP : Faro Editorial, 2018.

Título original: The odds of loving Groover Cleveland.

ISBN 978-85-9581-049-5

1. Ficção norte-americana I. Título.

17-10758

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



2ª edição brasileira: 2019

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06473-000 – Tel.: +55 11 4208-0868

www.faroeditorial.com.br



Mamãe e papai,

Eles me disseram que eu precisava escrever algum recado pra vocês.
O acampamento é legal. A gente se vê em breve.

Z

PS: Eu também sou legal... independentemente do que vocês pensem.

A maçaneta fica travada quando a porta é trancada do lado de dentro do chalé. De pé, com minha mochila pendurada no ombro, fico olhando para a maçaneta prateada como se ela fosse me dizer qualquer coisa. Isso não me parece algo normal.

— Nós trancamos as portas à noite apenas por precaução. E eu durmo aqui no chalé com vocês — Madison diz, brincando com a chave pendurada em seu pescoço. Ela toca o meu braço e eu olho para as unhas elegantes da mão dela encostadas na minha pele. O esmalte cor-de-rosa-escuro brilha com perfeição.

— E qual seria o motivo desse excesso de precaução? — eu pergunto.

Madison não me responde imediatamente. Ela me dá um sorrisinho com o canto da boca e inclina a cabeça para o lado, como se estivesse pensando em uma boa resposta. Depois, segura a longa trança do seu cabelo castanho e examina a sua ponta.

— A porta trancada mantém os ursos do lado de fora. — Ela finalmente diz, alisando uma ponta dupla do cabelo.

— Acho que não existem ursos nessa região.

— As florestas daqui estão cheias de coisas que as pessoas não querem admitir que existem. Mas não se preocupem, estou aqui para protegê-los. — Ela põe a mão no meu braço de novo.

Madison está usando uma camiseta verde-musgo com o logotipo do acampamento na parte da frente e uma bermuda tipo cargo preta. O reluzente esmalte nas suas unhas contrasta com o uniforme básico. As duas coisas simplesmente não combinam.

— Eu me lembro da minha primeira vez no acampamento. Estava nervosa demais — Madison diz.

— Você já ficou neste acampamento?

— Não, não neste... — Madison se distrai por um instante, alisando o tecido da sua camiseta. — Foi num acampamento equestre na Califórnia.

Ela parece uma garota rica o suficiente para praticar hipismo e vestir camisetas polo cor-de-rosa e calças de montaria. Essas roupas, sim, combinariam perfeitamente com suas unhas impecáveis.

— Eu não estou nervosa — comento.

— Isso é bom. — Madison sorri. — Bem, vá se ajeitando por aqui e me encontre em meia hora no Círculo da Esperança.

— No Círculo da Esperança... Mas por que lá? — pergunto.

— Se não tivermos esperança, Zander, não nos resta nada. Esse é o melhor lugar para se começar. — Ela toca o meu braço e sorri mais uma vez antes de se virar e ir embora, com a trança balançando nas costas.

— Isso não é resposta que se dê — eu resmungo, e um pernilongo passa zumbindo bem perto do meu rosto. Eu o espanto, mas ele se aproxima de novo em questão de segundos. Uma porta que só pode ser trancada e destrancada pelo lado de dentro, e por uma única chave, é um sinal de que há algo errado. Com certeza. Isso é totalmente ilegal. Eu até poderia denunciar esse lugar e deixar que fosse interdito, mas se isso acontecesse, eu teria de voltar para casa.

Solto minha mochila no chão e ela bate no piso de cimento em um baque seco. Fora o concreto frio debaixo dos meus pés, tudo o mais na sala é de madeira — as camas, as paredes, os armários. Eu me sento no colchão descoberto de uma das camas e corro as mãos pelo cabelo, puxando-o com força. Alguns fios de cabelo preto acabam saindo na minha mão. Não consigo abandonar esse hábito, que deixa o meu cabelo cada vez mais fino e frágil.

— Que merda — eu digo baixinho.

A porta se abre de repente e bate com força na parede de madeira.

Uma garota vestindo a menor camiseta branca e o menor calção vermelho que eu já vi na minha vida aparece à porta.

— Falar sozinha não é um bom sinal — ela diz, girando o dedo indicador ao lado da cabeça e insinuando que eu sou louca.

A garota atira a sua mochila em cima da cama e eu fico olhando para ela. Não dá para evitar. Ela não está usando sutiã. Que tipo de garota não usa sutiã sob uma camiseta branca transparente? Através da camiseta eu consigo ver a sua pele escura. E consigo ver *tudo*, até mesmo seus mamilos.

— Que foi? — ela me questiona num tom nada amigável.

Ela é muito magra, também — o tipo de magreza que poderia exigir hospitalização. Para ser mais exata, a garota é só pele e osso.

A menina desaba sentada sobre a cama, cruzando suas longas pernas.

— Eu sou a Cassie — ela anuncia, mas não estende sua mão. — É, eu sei. Cassie é nome de gorda.

Antes que eu tenha a chance de dizer o meu nome, Cassie começa a despejar o conteúdo de sua mochila em cima da cama. Eu passo os olhos pela pilha de roupas à procura de um sutiã, mas não avisto nenhum. Tudo o que vejo é um biquíni cor-de-rosa, alguns shorts curtos e camisetas de várias cores.

— Você já deve ter conhecido a Madison — ela diz com os braços cheios de roupas. A seguir, enfia tudo numa gaveta sem dobrar nem separar nada. Ela simplesmente empurra toda aquela montanha caótica de roupas para dentro de uma única gaveta. — Que menina babaca. — Enquanto fala, Cassie pega a sua mochila vazia e a vira de cabeça para baixo. Uma enxurrada de embalagens de remédios se derrama sobre a cama. — Como eu disse, esses monitores são idiotas. Eles não checam os compartimentos ocultos das bolsas. — Ela abre um dos frascos, fazendo a tampa dele estalar. — Pare de ficar me encarando. Isso é bem desagradável — a garota diz.

— Ah, me desculpe. — Eu abaixo a cabeça e olho para as minhas mãos.

— Relaxe, é brincadeira. Todo mundo me encara, especialmente aqui. — Cassie estende para mim uma mão cheia de pílulas, oferecendo-as para mim. — Remédios para emagrecer. Quer alguns?

Balanço a cabeça negativamente:

— Eu odeio pílulas.

— Você é quem sabe, mas, no seu lugar, eu ficaria bem longe do macarrão que servem no refeitório. — Cassie estufa as bochechas e aponta para mim, fazendo-me abaixar a cabeça e olhar para o meu próprio corpo. Ninguém nunca me disse que eu sou magra, mas eu também não sou gorda. Minha mãe jamais permitiria que eu fosse.

Eu puxo a minha camiseta amarela para que não fique muito justa.

— Obrigada pelo aviso — eu digo.

Ela joga as pílulas na boca e as engole sem água.

— E então, por que você está aqui? — Cassie pergunta.

— Hein?

— Veio pra cá porque é surda? — Cassie faz uma careta zangada e repete a pergunta, dessa vez mais devagar e falando mais alto. — *Por que você está aqui?*

— Eu não sou surda.

— Não banque a ingênua pra cima de mim. Todos nós sabemos que esse não é um acampamento qualquer.

Começo a mexer na minha camiseta e mato um pernilongo que estava pousado nela. Por que *eu estou* aqui? Eu não poderia ser mais diferente dessa garota que está na minha frente. Não me identifico com ela em absolutamente nada. Eu esmago o pernilongo entre os dedos e respondo:

— Estou aqui porque meus pais me matricularam no programa.

Cassie ri tão alto que sua voz ecoa pelo pequeno chalé. O barulho me deixa nervosa.

— Então você é mais uma daquelas — ela diz.

— Uma daquelas?

— Uma garota bobinha de merda, além de mentirosa.

Eu arrumo a minha postura e a encaro. Como pode uma garota que toma pílulas para emagrecer no café da manhã e se recusa a usar sutiã me insultar dessa maneira?

— Ah, não... Você ficou bravinha comigo? — Cassie diz em tom de zombaria.

— Não — respondo.

— Bem, eu sou assim mesmo. Sou uma aberração anoréxica, bipolar e maníaco-depressiva. Eu mesma me autodiagnostiquei. Além disso, tem dias que eu sinto que sou um garoto vivendo num corpo de menina. — Ela se levanta. — Mas pelo menos sou honesta a respeito de quem sou eu. Só pra esclarecer: as pessoas que são *realmente* loucas não sabem que são loucas.

Ela enfia os frascos de remédios de volta no compartimento oculto da sua mochila e a coloca debaixo da cama. Antes de sair, ela olha para a minha bagagem e vê o nome escrito na etiqueta do lado de fora.

— Zander? É esse o seu nome? — A garota balança a cabeça negativamente. — É louca, sem dúvida nenhuma. Bom, divirta-se falando sozinha, *Zander*.

Ela sai pela porta e desaparece. Por um instante eu penso em contar a Madison que Cassie tem uma farmácia escondida em sua mochila, mas algo me diz que ter Cassie como inimiga durante as próximas cinco semanas não é uma boa ideia.

Eu respiro bem fundo e olho com atenção para o teto de madeira. Bastaria um fósforo para incendiar esse lugar, apesar da umidade. Mas, de novo, eu seria enviada de volta para casa se colocasse fogo em um chalé. E isso provaria que Cassie tem razão — que eu sou mesmo louca.

E eu não posso ser louca. Não posso dar essa satisfação aos meus pais. E, além disso, tudo o que eu menos quero é voltar para a minha casa. Pelo menos, não agora, com as coisas do jeito que estão.

Meus pais nem mesmo me perguntaram se eu desejava vir para cá. Nós nos sentamos para jantar alguns meses atrás e eles anunciaram que isso aconteceria. Eu enrolava meu espaguete no garfo enquanto meu pai e minha mãe falavam de mim como se eu não estivesse bem diante deles. Para ser honesta, eu tinha uma prova difícil de francês no dia seguinte e então fiquei conjugando mentalmente verbos no tempo *passé composé*.

J'ai mangé

Tu as mangé

Il a mangé

Nous avons mangé

Vous avez mangé

Ils ont mangé

— É exatamente por isso que ela precisa ir — minha mãe reclamou, ainda falando sobre mim como se eu não estivesse na sala de jantar.

Conjugar verbos mentalmente virou um hábito para mim. No fim do ano eu quase alcancei a nota máxima.

— Quando você voltar, tudo isso vai ficar para trás. Você será uma pessoa diferente — minha mãe disse na última noite antes da minha partida, enquanto eu e o meu namorado estávamos sentados à mesa diante de uma tigela de vegetais orgânicos, mastigando. Eu namoro Coop há dois anos. O nome dele na verdade é Cooper. Eu nunca disse isso a ele, mas, na minha opinião, tanto o nome quanto o apelido são horríveis. Coop soa como um atleta valentão da escola que esmaga latas de cerveja na cabeça. E quando eu o chamo de Cooper tenho a impressão de que estou falando com um cachorro.

Eu mordi uma cenoura e fiz que sim com a cabeça para a minha mãe. O som da minha mastigação era tão alto em meus ouvidos que chegava a encobrir o que os outros estavam dizendo.

Depois que eu comi toda a tigela, arrastei Coop até o meu quarto e nós demos uns amassos. Esse foi o ponto alto da noite. E o Coop não é nenhum especialista em matéria de beijar. Ele é meio babão, como um cachorro qualquer que também se chama Cooper.

Quando fiquei entediada, eu conjuguei verbos. Beijar e conjugar são duas coisas que combinam bem. Duas coisas bem francesas.

Não. Ir para casa não é uma opção. Então, eu escolho um armário para guardar as minhas roupas e as separo em camisetas, calças e roupas íntimas, incluindo a pilha de sutiãs que a minha mãe providenciou. Ela deixou a minha mochila ao lado da minha cama no dia da minha partida e disse “Aqui está. Tudo pronto”.

Em francês, *fini*.

Minha mãe deveria ter dito essas palavras anos atrás, mas ela não sabe lidar bem com despedidas.

Eu pego a cama inferior do beliche, imaginando que assim será mais fácil escapar desse lugar se houver um incêndio; isso se eu conseguir passar pela porta trancada. Quando eu retiro da mochila os lençóis e a colcha separados pela minha mãe para fazer a cama, sinto o meu corpo inteiro fraquejar. O cansaço está de volta, como se a força da gravidade agisse sobre mim com o dobro da intensidade e meus joelhos não a pudessem suportar, mas eu resisto e me esforço para arrumar a cama da maneira mais perfeita possível, seguindo a técnica utilizada pelas camareiras de hospitais para prender lençóis — técnica que a minha mãe me ensinou.

Quando termino, eu contemplo o meu belo trabalho. Outro pernilongo zumbe perto da minha orelha e eu bato as duas mãos espalmadas na tentativa de matá-lo, mas erro o alvo. Ele não vai demorar para voltar.

— Maldito.

Balanço a cabeça com força. Mas a minha cama permanece ali, como se retribuísse o meu olhar. É como se houvesse um par de olhos, um corpo e pulmões bem debaixo dos lençóis, tentando respirar desesperadamente. Tentando muito, mas sem nenhum sucesso. Mas as coisas funcionam assim mesmo, todos nós fracassamos no final. Todos nós afundamos, não importa quantas vezes tentem nos puxar de volta para a superfície.

Quando não consigo mais olhar para a cama impecavelmente arrumada, quando não suporto mais aquela imagem, eu desarrumo tudo. Arranco os lençóis que eu havia prendido com tanta precisão e elegância e enfio de volta na mochila a colcha de tom pastel com estampas florais, dobrando-a de qualquer jeito, apenas para fazê-la sumir da minha frente. Então eu me sento na cama, respirando com dificuldade, ofegante.

Eu prefiro congelar noite após noite a dormir com essa coisa.

— *Fini* — eu digo. Falando sozinha novamente. Olho à minha volta para ter certeza de que ninguém me viu. Mas eu estou de fato sozinha. Minha família está do outro lado do país, no Arizona, e eu estou em um lugar qualquer em Michigan. Faço um grande esforço para me sentir triste por causa disso, mas é como se eu estivesse me agarrando a uma coisa que na realidade não existe. Tudo o que eu tenho é um punhado de coisa nenhuma. Eu estou simplesmente vazia.

Saio do chalé e me deparo com o dia quente típico de um pântano. Não sei bem o que fazer. Mas uma coisa é certa. Preciso parar de falar sozinha ou as pessoas daqui vão pensar coisas erradas a meu respeito.



Querida mamãe e Presidente Cleveland,

As chances de encontrar o amor são uma em 285 mil, mas a probabilidade de casar é de 80%. Parece que temos uma discrepância aqui.

Seu filho,

Grover Cleveland

Alguns meses atrás, meus pais me disseram onde exatamente eu passaria o verão. Meu pai levantou a mão e apontou a localização exata do lugar:

— É bem aqui que o acampamento está localizado, Zander — ele explicou.
— Deu pra ver? Michigan tem um formato parecido com o de uma luva.

Eu não respondi, então a minha mãe fez mais algumas observações:

— De todo modo, o Arizona é insuportável no verão. A temperatura chega a um milhão de graus aqui. Você vai gostar de estar longe na época do calor. — Ela olhou para o meu pai com uma expressão aflita, franzindo os lábios com força.
— Mesmo que seja desagradável e você tenha de viajar até o outro lado do mundo sem os seus pais.

— Nós tomamos essa decisão juntos, Nina, então nem comece com o drama. O acampamento não é na Índia — meu pai retrucou.

Eu fiquei observando uma mosca presa numa teia de aranha enquanto meus pais discutiam na mesa de jantar. Eu entendia bem a situação da mosca. Ela jamais conseguiria escapar, por mais que tentasse. De que adianta lutar? Você só acaba piorando as coisas.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
GRÁFICA SANTA MARTA
EM JULHO DE 2019